



Recurso Didático
Disciplina de História (8.º Ano de Escolaridade)

O Chá em Viagem e à Mesa

Cristina Costa Gomes
João Teles e Cunha

Centro de Estudos Clássicos | Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa

2022

CEC
Centro de Estudos
Clássicos



LETRAS
LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



APRESENTAÇÃO

O recurso didáctico incide sobre duas peças, de materiais distintos, do acervo do Museu Nacional de Arte Antiga e destina-se a alunos do 8.º ano de escolaridade, com um nível etário entre os 13 e os 14 anos:

- Frasco para Chá (861 Cer) de porcelana de importação, moldada e policromada, de produção chinesa (Séc. XVIII);
- Chaleira e escalfador Germain (1847 Our) de prata e ébano, de produção francesa (Séc. XVIII).

Pretende-se com este recurso, concebido a partir das Aprendizagens Essenciais da disciplina curricular de História, mas com o objectivo de permitir uma leitura multidisciplinar, disponibilizar uma ferramenta didáctica que possa ser simultaneamente explorada autonomamente pelos alunos ou trabalhada, de forma supervisionada, em contexto de sala de aula. Para tal, este recurso é disponibilizado *online*, nesta plataforma digital de publicação de fontes históricas sobre a China nos séculos XVI-XVIII, na área dedicada especificamente a materiais pedagógicos direccionados para um público mais novo.



Este recurso enquadra-se nas seguintes temáticas das Aprendizagens Essenciais da disciplina de História, do 8º ano :

I. Expansão e mudança nos séculos XV e XVI – a abertura ao mundo

- O Império Português no Oriente;
- As novas rotas de comércio intercontinental;
- A circulação de pessoas e produtos e sua influência nos hábitos culturais.

II. Portugal no contexto europeu dos séculos XVII e XVIII

- O império português e a concorrência internacional – a ascensão colonial da Inglaterra;
- A sociedade de ordens.

Com este recurso pretende-se o desenvolvimento pessoal e a autonomia dos alunos, através do desenvolvimento da sua capacidade de análise, do seu pensamento crítico e criativo. Os principais objetivos são conduzir os alunos a valorizar o património histórico e a estimular a sua sensibilidade estética e artística. Fomentar a multiperspectiva, ou a interdisciplinaridade, em História é a sua grande meta. Daí que, como trabalho final, se proponha ao aluno que elabore uma pequena banda desenhada com um dos dois títulos, “O Chá em Viagem” ou “O Chá à Mesa”, na qual desenhe uma das peças, da forma como a “viu”, e aplique de forma criativa os conhecimentos adquiridos. Permite, pois, interdisciplinaridade com as disciplinas de Português e de Educação Visual, caso este instrumento pedagógico seja aplicado sob a supervisão dos professores.

O recurso didático parte da observação das duas peças do Museu Nacional de Arte Antiga e de alguns dos seus pormenores e da formulação de perguntas que orientam o aluno na sua descoberta. As duas peças permitem uma viagem no tempo e no espaço e contribuem para uma leitura conjunta, ou complementar.

O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

Observa atentamente a primeira imagem:



O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

Como terá chegado este objecto à Europa?

Em que região terá sido produzido?

Qual é o meio de transporte nele representado?

O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

Como resultado do expansionismo europeu, a partir do século XV criaram-se rotas comerciais à escala global, com ligações directas por via marítima com países e regiões cuja existência já se conhecia antes de 1400. A China, onde foi produzida esta peça, foi um desses casos, sendo conhecida na Europa por relatos de europeus que por lá tinham passado, como foi o caso de Marco Polo nos finais do século XIII.

Como sabes, Portugal contornou a costa ocidental africana e chegou ao Índico em 1498 com a viagem de Vasco da Gama, mas só alcançou a China em 1517. O contacto inicial foi desastroso, tendo a China cortado toda a comunicação oficial com Portugal até à segunda metade do século XVI, mas tal não impediu a continuação do comércio informal em portos chineses. A situação melhorou após 1559 com o estabelecimento de portugueses em Macau, tendo aquele porto funcionado como uma porta de entrada na China, bem como de saída de produtos e de conhecimentos chineses para o resto do mundo.

A rota comercial marítima entre a China e a Europa era a mais longa e demorada de todas as estabelecidas pelos europeus, primeiro pelos portugueses e depois por ingleses, holandeses, franceses e outros. No caso português, só houve contacto directo entre Lisboa e Macau a partir do século XVIII, pois até então as mercadorias chinesas eram transportadas para a Índia, de onde saíam em direcção à Europa, a partir de Goa, a sede do império português na Ásia.

O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

A que país pertenceria esta embarcação?

Qual é a bandeira que se encontra representada?

De que material será feita esta peça e onde terá sido produzida?

O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

Os portugueses começam a sofrer a concorrência de outros europeus nesta rota marítima a partir do século XVII, sobretudo da parte de holandeses e ingleses, os quais iniciaram o estabelecimento de relações comerciais com a Ásia por meio de companhias por acções que detinham o monopólio, ou seja, o exclusivo comercial com essa parte do mundo - as conhecidas Companhias das Índias Orientais.

A peça que estás a observar é precisamente uma peça de porcelana fabricada na China para o mercado europeu. As peças de porcelana chinesa, a chamada “Louça da Companhia das Índias”, eram transportadas aos milhares a bordo das embarcações europeias. Esta peça tem pintado um dos navios que fazia o transporte das cobiçadas mercadorias chinesas para a Europa. E, se vires bem, vais notar que o barco pertence à companhia inglesa, pois tem a bandeira britânica, a “Union Jack”, içada na popa. Tal pode indicar que esta peça, um frasco, se destinava ao mercado inglês ou que foi encomendado por alguém desta nacionalidade no século XVIII.



O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

A China era a grande potência económica e industrial da época, como hoje em dia, pelo que só aceitava prata em troca das suas mercadorias, dando origem a um comércio deficitário para a Europa, o qual perdurou até ao século XIX. No início, os europeus queriam sobretudo a seda e a porcelana, sobretudo esta, por ser leve, translúcida e com um vidro brilhante, ao contrário da cerâmica existente na Europa. A seda já era conhecida e tecida na Europa desde a Idade Média, mas o segredo da porcelana só foi descoberto no século XVIII na Alemanha (Meissen) e em Portugal só no século XIX se iniciou a sua produção em moldes industriais. Até lá, e mesmo depois, a Europa importou enormes quantidades de porcelana da China, como este frasco de chá que estás a ver. Esta peça foi fabricada a pensar no mercado europeu, apesar de ter sido feita e pintada por artistas chineses, como se pode ver pela sua decoração.



O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

Que outros motivos aparecem pintados na peça?



O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

A par de motivos “europeus”, o barco, que o artista chinês pode ter visto atracado em Cantão ou então copiado de uma gravura, o resto da decoração usa motivos vegetais tipicamente chineses, como se pode ver no pomo da tampa. A porcelana exportada para a Europa teve outros temas decorativos, sendo a heráldica, ou seja, o brasão de armas de nobres e do clero, muito frequente. O encomendador europeu fornecia uma gravura ou desenho que queria ver aplicado na peça e o artista chinês pintava, mas nem sempre seguia exactamente o modelo, pois há brasões invertidos, por não saber qual era o sentido, e era frequente introduzir elementos decorativos chineses, como símbolos da eternidade, saúde, sabedoria, cujo significado escapava aos europeus.



O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

Para que servia esta peça?



O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

Esta peça servia para guardar chá, uma bebida associada à China no imaginário de todos nós. Apesar de os portugueses conhecerem o chá desde o século XVI só o começaram a consumir tardiamente. O chá foi um dos novos produtos vulgarizados pelo estabelecimento de redes comerciais a uma escala global, mas demorou tempo a entrar no gosto dos europeus, ao contrário do tabaco vindo da América (logo consumido na Europa a partir do século XVI e cujo consumo chegou ainda nesse século à Índia e à China, que o desconheciam). O consumo do chá, como o conhecemos hoje, só se vulgarizou a partir do século XVIII, quando se tornou na principal mercadoria transportada pelos europeus, destronando as especiarias (que tinham sido o principal motivo da ida à Ásia) e os têxteis. Apesar de ter aumentado a quantidade do chá exportada para a Europa, o que hoje chamamos “chá preto”, este continuou a ser muito caro e como a viagem demorava muito tempo usavam-se métodos para manter o seu sabor na Europa. Daí preservar-se o chá dentro destas caixas de porcelana, que a dona da casa retirava de um lugar seguro para fazer a infusão. E, para preparar e beber a infusão usavam-se bules e chávenas de porcelana chinesa, continuando assim a ligação com a China. Mas o chá também se adaptou ao gosto europeu, pois os europeus bebem-no com açúcar, algo que os chineses não fazem. As próprias chávenas adaptaram-se à forma como era bebido na Europa, ganhando um pires para o consumidor a segurar e uma asa para beber sem queimar os dedos.

O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

Observa atentamente a segunda imagem:



O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

Existe relação entre esta peça e a anterior?

Para que serviria?

De que material é feita?

O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

É verdade. O chá chega da sua longa viagem à mesa. Esta bebida vulgarizou-se mais na Inglaterra do que em Portugal e na Europa continental, onde preferiam o café (outro produto exótico cujo consumo se tornou habitual no continente europeu) e o chocolate (que chegava à Europa da América). Vê esta chocolateira, também do MNAA, onde era servido o chocolate.

Em Portugal, o consumo de tais produtos era menor e continuava a ser apanágio de grupos privilegiados, como podes ver nesta pintura também do MNAA. Para preparar a infusão do chá não se usavam apenas peças de porcelana chinesa, sendo usados objectos feitos de prata como este escalfador e chaleira, usados para aquecer água que se podia usar para preparar o chá no bule. Estas são peças de prestígio, pois foram encomendadas pela Coroa portuguesa para servir o Rei e a família real durante o reinado de D. José I (r. 1750-1777).



O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

O interessante é que pertencem a uma baixela, ou seja, um conjunto de peças feitas em metal nobre como a prata ou a prata e o ouro, usadas para apresentar e servir alimentos, encomendada a um ourives francês chamado François-Thomas Germain. Este também era ourives do Rei de França e as cortes europeias imitavam os hábitos franceses de consumo desde o tempo de Luís XIV. Portugal seguia este modelo político típico de sociedades do Antigo Regime, tendo-se destacado D. João V como o grande imitador da figura do Rei-Sol francês e do seu absolutismo. No caso português, o aumento das receitas da Coroa com a descoberta de ouro e de diamantes no Brasil permitiu o financiamento desta política de imitação de modelos de prestígio e o desenvolvimento de uma sociedade de Corte (a Corte é o conjunto de nobres, clérigos e funcionários que servem o Rei, em torno do qual há um cerimonial elaborado).

O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

Vês alguma marca da China nesta chaleira? O quê?



O CHÁ EM VIAGEM E À MESA

Se reparares, esta peça de ourivesaria é de um gosto totalmente europeu, mas um dos dois objetos que a compõe, a chaleira, revela o fascínio que a Europa tinha pela China. Enquanto o escalfador usa motivos clássicos europeus na sua decoração, a chaleira interpreta de forma fantasiosa o retrato de um chinês, podendo ver-se o típico chapéu cónico a servir de tampa e o dragão a servir de bico. O dragão é um animal mitológico que aparece frequentemente na decoração de peças chinesas, sendo associado ao imperador (curiosamente, em Portugal, também aparece associado às armas reais desde os tempos da dinastia de Bragança).

A figura é totalmente grotesca, típica da arte daquele período, do que se chama de “chinoiserie”, ou seja, a criação de uma linguagem artística na arquitectura e nas artes decorativas que procura imitar o que os europeus julgavam ser o estilo chinês. Para isso copiam motivos existentes em peças de arte chinesa, como o dragão, mas interpretando-o ao gosto europeu do seu tempo.



ACTIVIDADE FINAL

Partindo de uma destas peças e do que aprendeste sobre ela, desenha-a de forma livre, e com ela cria uma pequena banda desenhada com um dos dois títulos:

“O Chá em Viagem”

ou

“O Chá à Mesa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “Frasco de Chá” e a “Chaleira Germain”, do acervo do Museu Nacional de Arte Antiga, são o pretexto para se encetar com os alunos uma viagem no tempo e no espaço, que nos faz recuar até ao século XVI e ao estabelecimento das relações comerciais com a China. É uma estratégia para sintetizar dados históricos a partir dos seus testemunhos materiais. Os objectos seleccionados falam por si e falam um com outro, permitindo-nos abordar, a partir deles, algumas das principais temáticas de História do 8.º ano. A questão da mundialização do comércio permite-nos inclusivamente estabelecer um paralelismo entre o passado e o presente.

A visita a um Museu, ou a um conjunto seleccionado de peças (neste caso centrada apenas em duas), tem um elevado efeito na aprendizagem dos alunos. Ensinar História em diálogo com os seus testemunhos, ou fontes, permite fomentar nos alunos um pensamento simultaneamente analítico, crítico e criativo. Os alunos aprendem a “ver”, a valorizar o nosso património histórico e a usarem meios diversos para expressarem as suas aprendizagens. Contemplar uma peça de um museu é um acto libertador para quem ensina e para quem aprende. É uma forma de comunicar unilateralmente e multidireccionalmente. É, igualmente, uma forma de desenvolver a consciência cívica dos alunos e a sua sensibilidade estética e artística.

Em síntese, a educação em museus, ou tendo os museus como recurso pedagógico-científico, permite utilizar as obras de arte para dar forma à própria experiência humana.